



ORALIDADE E CLASSE SOCIAL NO *AUTO DA BARCA DO INFERNO*

Gilsileide Cristina Barros Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: gilsileide.lima@uesb.edu.br

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: vera.pacheco@uesb.edu.br

2361

INTRODUÇÃO

As questões em torno do domínio da língua portuguesa envolvem, reiterada e constantemente, uma separação entre a denominada norma padrão e a variedade coloquial. A primeira, prescrita pelos compêndios gramaticais e pelos dicionários, é associada à escrita e pertencente ao domínio da classe dominante; a segunda, considerada cheia de erros, desvios e vícios, é associada à oralidade e praticada por grupos dominados.

Gnerre (2003) assevera que, embora sejam declarados iguais perante a Constituição Federal, muitos brasileiros são “discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida”. De um lado, estão os que dominam a norma culta e ocupam lugar elevado na escala social; de outro, os considerados incultos. No Brasil, diferentemente do que ocorre com a oralidade, a escrita é “portadora legítima de uma tradição cultural e de uma identidade nacional” (GNERRE, 2003). A profunda distância entre um e outro registro nada mais serve senão para separar os falantes. Desse contexto, surge uma questão social que explica a grande importância da escrita em nossa sociedade.

Historicamente, “os grupos dominantes utilizaram o poder da escrita para naturalizar as relações socioeconômicas e culturais” (KANANAN, 2006). Mais do que injusto, esse abismo deve ser combatido, visto tratar-se de uma construção histórica, que diz respeito às relações de força, alimenta a luta de classes e de grupos sociais e interfere negativamente no processo de aprendizagem porque a língua oral, aquela que o aluno domina quando chega à escola é, quase sempre, desconsiderada, desvalorizada.

Não se trata de empolar o discurso, mas sustentar e defender a tese de que a língua dispõe de registros distintos, em que um não exclui o outro, e que existe a necessidade de se transitar livre e conscientemente entre ambos, de acordo com o grau



de formalidade existente na situação em que ocorre o ato de comunicação ou com a sua finalidade. Oralidade e escrita devem ser utilizadas não como instrumentos de dominação ideológica e manutenção do poder, mas de inclusão e autonomia, por meio de ambos os registros, o cidadão tem acesso à informação, opina, constrói visões de mundo, produz conhecimento, ou seja, participa plenamente da sociedade.

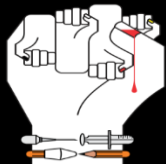
Desse modo, tendo em vista que encontramos no teatro de Gil Vicente marcas típicas da oralidade (interjeições, repetições de palavras, exclamações, interrogações, vocativos etc.), este estudo propõe a leitura do *Auto da barca do inferno*, para identificar formas linguísticas do português falado empregadas pelos diferentes segmentos sociais (ricos e pobres, nobres e plebeus) representados pelos personagens (diabo, fidalgo, parvo, corregedor etc.). Nas obras de Gil Vicente encontramos o povo representado por todos os tipos de personagens: velhos, jovens, cortesãos, frades, lavradores, judeus, pretos, ciganos, padres, criados, capelães, bruxas, juizes, marinheiros, alcoviteiras e outros. Sobre isso, Teyssier (2005, p. 358) afirma “os inúmeros tipos humanos que figuram no teatro vicentino pretendem ser reais. Falam, portanto, a língua que usam na vida real”.

O objetivo é, portanto, mostrar que expressões bastante comuns no uso coloquial da linguagem e que, na maioria das vezes, são desprezadas em detrimento da escrita, podem demonstrar sentimentos e reações (alegria, irritação, espanto, hesitação etc.) nas falas das personagens, independentemente da classe social que elas ocupam, e ter um valor expressivo muito grande nos textos, já que representam o discurso real da sociedade portuguesa do século XVI.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, o ponto de partida foi leitura e identificação das falas das personagens da peça. Fez-se posteriormente o inventário de todos os traços de oralidade, observando as personagens que os empregam, refletindo sobre as possíveis causas desses empregos e respondendo sobre as perguntas: a quem essa expressão se dirige? Qual a classe social de quem a exprime?

Na etapa seguinte, fez-se uma relação das formas orais com a realidade atual, para observar se houve mudanças nas expressões faladas naquela época (século XVI) para cá. A etapa final consistirá no confronto entre as expressões empregadas pelas figuras sociais. Trata-se de um momento importante para julgar de maneira crítica a



realidade (o diabo e o fidalgo, o diabo e o parvo, o diabo e o corregedor) e refletir sobre a condição de personagens que se sentem em posição mais elevada que outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificamos nos diálogos a seguir o emprego da língua falada, por meio da repetição de palavras, do uso de interjeições, locuções e xingamentos e isso constitui um dos diferentes recursos expressivos explorados por Gil Vicente para dar voz aos seus personagens.

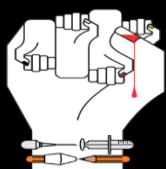
2363

O diabo e o fidalgo

Personagem	Expressões	Sentimento
Diabo	Á barca, á barca, hou lá! Oh que tempo de partir! Ora sus , que fazes tu? Senhor , a vosso serviço.	Interjeição (Alegria) Interjeição (Alegria) Loc. interjetiva (Expressão para infundir ânimo) Subst. (tratamento cerimonioso)
Fidalgo	Que, que, que! e assi lhe vai?	Interjeição (espanto, perplexidade, impaciência)
Fidalgo	A est'outra barca me vou. Hou da barca! Pera onde is? Ah , barqueiros, não m'ouvis? Respondei-me. Hou lá, hou! Pardeos , aviado estou:	Interjeição (Chamamento) Interjeição (Impaciência) Interj. (chama insistentemente) Loc. interjetiva (Desespero)
Diabo	Entrae, meu senhor , entrae; Venha a prancha, ponde o pé.	Vocativo (respeito)
Fidalgo	Ó barca, como es ardente! Maldito quem em ti vai	Interjeição (Interpelação)

O diabo e o parvo

Personagem	Expressões	Sentimento
Diabo	Entra , e põe aqui o pé	Verbo imperativo (Ordem)
Parvo	Hou lá , não tombe o zambuco	Interjeição (Chamamento)
Diabo	Entra, tolaço eunuco	Substantivo + Adjetivo (Xingamento)
Diabo	Ó inferno. Entra ca.	Interjeição (Interpelação/impaciência)
Parvo	Ó inferno ieramá	Interjeição (Interpelação)



	Hio hio , barca do cornudo Beicudo, beicudo , Rachador d'alvêrca, huhá!	Interjeição (zombaria) Adjetivo (xingamento/zombaria) Interjeição (zombaria)
--	--	--

O diabo e o judeu

Personagem	Expressões	Sentimento
Judeu	Que vai lá, hou marinheiro?	Interjeição (Chamamento)
Diabo	Oh que ma ora vieste!	Interjeição (Ironia)
Judeu	O bode tambem há d'ir	
Diabo	Oh que honrado pasageiro!	Interjeição (Ironia)
Judeu	Dize, filho da cornuda	Locução (xingamento)

2364

O diabo e o corregedor

Personagem	Expressões	Sentimento
Corregedor	Hou da barca!	Interjeição (Chamamento)
Diabo	Que quereis?	
Corregedor	Está aqui o Senhor Juiz.	
Diabo	Ó amator de perdiz, Quantos feitos que trazeis!	Interjeição (Interpelação)
Diabo	Ora pois, entrae, veremos Que diz hi nesse papel	Interjeição (impaciência, espanto)
Corregedor	Como! á terra dos Demos Ha de ir hum Corregedor?	Advérbio/conjunção (surpresa, espanto,)
Diabo	Sancto descorregedor , Embarcae e remaremos.	Vocativo (ironia)

Muitas das expressões empregadas por Gil Vicente, bastante comuns no uso coloquial da linguagem no *Auto da Barca do Inferno* expressam os sentimentos e as reações das personagens diante do juízo final, em que se premiam os justos (destino para o céu) e punem-se os pecadores (destino para o inferno). No afã de bajular o fidalgo e o corregedor, o diabo dispensa um tratamento cerimonioso (*senhor, meu senhor*), ao passo que trata com desprezo tanto o parvo (*tolaço eunuco*) quanto o judeu (lançando mão da ironia). Personagens populares, de classes mais baixas, o parvo e o judeu respondem com a mesma intensidade as agressões, utilizando-se de ofensas (*beicudo, barca do cornudo, filho da cornuda*).



CONCLUSÕES

No *Auto da Barca do Inferno* encontramos diversas formas típicas da oralidade, interjeições (Ó! Oh! Ah! Hou!), vocativos (*meu senhor, senhor*), xingamentos (*filho da cornuda, tolaço, beijudo*), repetições (*que, que, que*) etc., empregados, de forma geral, pelas personagens das diferentes camadas da sociedade portuguesa. Os xingamentos e termos que exprimem irritação, má vontade, no entanto, estão presentes apenas nos diálogos entre o diabo (que, apesar de ser do povo, se julga melhor que os outros) e as personagens das classes mais baixas, como o parvo e o judeu. Esse tratamento não é dispensado nos diálogos entre o diabo e o fidalgo ou entre o diabo e o corregedor, aos quais demonstra um respeito profundo, certamente em função dos cargos que ocupam.

No contexto em que ocorrem, verificamos que, ao atribuir determinadas reações a determinados falantes, Gil Vicente reproduz a sociedade real, a forma do tratamento dispensado ocorre de acordo com a hierarquia atribuída às pessoas, segundo uma ordem de importância social.

PALAVRAS-CHAVE: *Auto da Barca do Inferno*. Oralidade. Classe social.

REFERÊNCIAS

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANAAN, Hanen Sarkis. *Letramento e educação profissional*. Artigo escrito em outubro de 2006.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MORLEO, Francesco. Traços de oralidade em Gil Vicente. IN: <https://core.ac.uk/reader/150461080>. Atas do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Acesso em: maio de 2022.

OBRAS de Gil Vicente. Porto: Edição de Lello, 1965.

TEYSSIER, P. *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.